



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE SÃO CRISTÓVÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Suelen Silva Marinho

**O SERTÃO JÁ VIROU MAR: UMA NOVA RELEITURA DO SERTÃO
NORDESTINO ATRAVÉS DA HISTÓRIA, PELA ÓTICA DA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XXI**

São Cristóvão-SE

2023.1

Suelen Silva Marinho

**O SERTÃO JÁ VIROU MAR: UMA NOVA RELEITURA DO SERTÃO
NORDESTINO ATRAVÉS DA HISTÓRIA, PELA ÓTICA DA LITERATURA
BRASILEIRA DO SÉCULO XXI**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade
Federal de Sergipe (UFS) Como pré-requisito
para obtenção do grau de Licenciatura em
História.

Orientador: Prof.º Dr. Claudefranklin Monteiro
Santos.

SÃO CRISTÓVÃO

2023

RESUMO

Nesse trabalho pretendo apresentar, historiograficamente, uma nova releitura do sertão nordestino e as suas mudanças ocorridas na história ao longo dos últimos anos a luz das obras literárias do autor Ronaldo Correia de Brito. Desta feita, espera-se dessa produção que o leitor possa conhecer o sertão nordestino que as páginas da literatura das décadas passadas não contam, um sertão atualizado, com constantes transformações, desejo nesse artigo apresentar uma nova visão do sertão nordestino, sem a presença do estereótipo sertanejo fornecido pela literatura do início do século XX, apenas um Nordeste com a sua verdadeira face. Não obstante, nessa pesquisa também pretendo abordar uma breve discussão entre história e literatura.

Palavras-chave: História, Literatura, Sertão.

ABSTRACT

In this work I intend to present, historiographically, a new reinterpretation of the northeastern hinterland and its changes in history over the last few years in the light of the literary works of author Ronaldo Correia de Brito. This time, it is expected from this production that the reader can get to know the northeastern hinterland that the pages of literature from past decades do not tell about, an updated hinterland, with constant transformations, I wish in this article to present a new vision of the northeastern hinterland, without the presence of Sertanejo stereotype provided by literature from the beginning of the 20th century, just a northeast with its true face. However, in this research I also intend to address a brief discussion between history and literature.

Keywords: History, Literature, Sertão.

APRESENTAÇÃO

Ao longo do tempo, o sertão nordestino construiu o seu espaço nas páginas da história. O local que outrora era conhecido como o norte do Brasil, hoje possui sua identidade formada. As terras secas e quentes das regiões mais remotas do Nordeste do país foram e são protagonistas das páginas de muitos livros e abrigam grandes nomes de pessoas que fizeram história e deram, ainda mais, notoriedade a região nordestina. A literatura brasileira, sem dúvidas, contribuiu como fonte de pesquisa, propiciando um seguimento alternativo de conhecimento da realidade nordestina, mostrando a condição social, cultural, a tradição, identidade e até mesmo o drama da seca enfrentado por esse povo.

No entanto, algumas obras produziram uma visão de um Nordeste um tanto quanto estereotipada, e através dessas versões o sertão nordestino foi ganhando diversas identidades baseadas apenas em leituras de grandes obras que retratavam um Nordeste onde somente a seca, fome e miséria predominavam. Mediante a tais fatos, surgiu-me a inquietude para trabalhar na pesquisa sobre a formação histórica do preconceito sobre a região, sobretudo essa análise será feita através de grandes obras literárias que marcaram a história do sertão nordestino.

As obras literárias do autor Ronaldo Correia de Brito serão de fundamental importância para pesquisa, pois as mesmas oferecem uma nova visão do sertão nordestino, sem a presença de um estereótipo, além disso esse trabalho busca promover a discussão entre história e literatura.

A curiosidade pela busca do tema surgiu da percepção de falas alheias carregadas de uma visão muito distinta da realidade atual nordestina. Em outras regiões do país ainda há quem pense que a região Nordeste se resume a fome, seca e miséria. Uma visão um tanto quanto euclidiana que ainda repercuti com grande força pelo nosso país. Certo é que com o passar do tempo a região se desenvolveu, no entanto não há como negar que o drama da seca ainda está presente em algumas localidades, mas o sertão nordestino não se resume a isso.

A história ao longo do tempo tem acompanhado essa mudança e através da mesma, nesse projeto, a luz da literatura, pretendo demonstrar as variantes ocorridas em obras literárias sobre o sertão nordestino, com o intuito maior de buscar a formação histórica desse preconceito ao longo do tempo, na intenção de desmistificar essa visão estereotipada sobre a região nordestina.

A escolha desse tema me ocorreu na emergência de apresentar uma nova visão de um sertão nordestino. Um novo sertão com toda sua beleza, força, costumes, fé e tradições tão importantes que enriquece ainda mais a cultura do nosso país. Desejo discutir acerca do uso da

literatura como fonte histórica, pois as obras utilizadas não serão para uma crítica literária, mas serão examinadas a luz da história.

Pretendo nesse projeto trazer uma nova releitura do sertão nordestino na atual literatura e para isso, na escolha das obras literárias, me identifiquei com o autor Ronaldo Correia de Brito que também é nordestino, escritor, dramaturgo, radicado do Recife, também formado em medicina pela Universidade Federal do Pernambuco no ano de 1975, esse autor é vencedor do prêmio São Paulo de Literatura, também participou da Feira do Livro de Frankfurt e da Jornada Literária de Pequim, possui livros e contos traduzidos para o francês, espanhol, italiano, hebraico, inglês, alemão, romeno, búlgaro, finlandês, húngaro e desde 2000, é colunista da *Continente*, revista mensal de cultura.

As obras desse autor a serem trabalhadas serão: *Galileia* (2008), *O amor das sombras* (2015) e *Dora sem véu* (2018). Além disso, nesse projeto também pretendo entender a formação de um preconceito histórico, geográfico, analisado por um viés historiográfico, porém a sombra de obras literárias. E, dessa forma, analisarei as versões ao longo desses últimos anos do sertão nordestino e suas principais mudanças.

A abordagem desses fatos possui grande relevância tanto para a história, quanto para sociedade, porquanto corrobora que é possível trabalhar com a literatura, trazendo a mesma como parte de uma fonte durante o processo de pesquisa. O projeto apresentado também tem o papel de difundir uma nova visão do sertão nordestino que sofreu importantes mudanças ao longo da história, além de analisar o preconceito histórico e geográfico sofrido pelo mesmo, permitindo assim a desmistificação do seu estereótipo através das análises abordadas nessa pesquisa.

Nessa pesquisa, pretendo trabalhar a luz da história cultural e entender o conceito de cultura, conforme o autor Peter Burke evidencia em sua obra *O que é história cultural?* a qual apresenta uma nova história cultural que possibilita o diálogo com outras ciências como a antropologia e sociologia.

Também pretendo trazer o ponto de vista de Roger Chartier sobre a história cultural, compreendendo que segundo o autor a subjetividade faz parte da construção de um passado, mostrando que a literatura pode ser utilizada como parte de uma fonte. Conforme o conceito de mentalidades trazida por Jacques Le Goff também desejo analisar para entender a formação de um imaginário sobre o sertão nordestino. As fontes utilizadas nessa pesquisa serão principalmente, de obras produzidas pelo historiador Durval Antônio Muniz de Albuquerque Júnior, pois ele foi o pioneiro na produção de obras sobre um surgimento de um imaginário

sobre o sertão nordestino, como mostra no seu livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, o qual será muito utilizado durante a produção dessa pesquisa.

Na primeira parte, pretendo analisar as origens do preconceito histórico e geográfico sobre a região do nordeste brasileiro, na segunda apresentarei as visões comuns ou distintas sobre o sertão nordestino a partir de antigas obras regionalistas e no terceiro e na última, apresentarei a literatura e a nova face do sertão nordestino no tempo presente.

1 ORIGENS DO PRECONCEITO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO SOBRE A REGIÃO DO NORDESTE BRASILEIRO

1.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL

A representação das culturas na historiografia é atravessada por disputas discursiva associadas a poderes hegemônicos e contra hegemônicos que desejam ser representados. Chartier (1988) destaca a importância da compreensão das lutas por representação na história. Para ele, entender essas lutas é tão importante quanto compreender as questões econômicas, pois elas revelam os mecanismos de dominação de um grupo sobre o outro e as hierarquias da vida social. De acordo com o autor, os discursos afetam a forma como os sujeitos entendem a si mesmos e o mundo à sua volta. Isso porque os discursos são responsáveis por construir as representações sociais e, consequentemente, por influenciar a forma como as pessoas pensam, agem e se relacionam. Assim, a compreensão das lutas por representação e dos discursos que as sustentam é fundamental para entender as dinâmicas sociais e culturais de uma determinada época. Por meio dessas análises, é possível identificar as relações de poder e as formas de resistência que surgem em meio às lutas por representação. As percepções sociais não são neutras e que elas têm o poder de produzir estratégias e práticas que impõem uma autoridade em detrimento de outros grupos. Essas percepções são usadas para legitimar projetos reformadores ou para justificar as escolhas e condutas dos indivíduos.

De acordo com Chartier (1988), a investigação sobre as representações sociais deve levar em consideração que elas estão sempre em um campo de concorrência e competição, onde o poder e a dominação são os desafios que estão em jogo. Isso significa que as percepções são influenciadas pelo poder e que elas podem ser usadas para reforçar a dominação de certos grupos sobre outros. Em outras palavras, as percepções sociais não são apenas ideias ou conceitos abstratos, mas sim ferramentas que são usadas para manter ou aumentar o poder de certos grupos em detrimento de outros. Portanto, é importante estar ciente das implicações das percepções sociais e como elas podem ser usadas para justificar ações discriminatórias ou opressivas contra grupos marginalizados.

Burke (2005) investiga a distinção da História Cultural em comparação com outros ramos da historiografia. Ele traça a evolução deste campo desde seus princípios fundamentais até o surgimento da fase da "Nova História Cultural" (NHC) e levanta questões sobre seu futuro incerto em meio aos desafios atuais. O foco central da História Cultural reside no exame de "clássicos", ou obras-primas de várias formas de arte, com a premissa subjacente de que o

historiador pinta um quadro de uma época específica. As artes são consideradas provas irrefutáveis do meio cultural em que foram criadas e a História Cultural procura estabelecer ligações entre diversas expressões artísticas.

No trabalho de Burke (2005), ele enfatiza a importância da sociologia alemã e como Max Weber, em particular, se esforçou para fornecer uma justificativa cultural para as transformações econômicas, como evidenciado em seu livro "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Além disso, o texto esclarece as contribuições de Warburg para a área, onde se concentrou na produção de ensaios que exploram aspectos específicos do Renascimento sem a necessidade de criar uma síntese abrangente.

Com o início do regime de Hitler e a subsequente diáspora, países como os Estados Unidos e a Inglaterra, que anteriormente não tinham uma tradição de história cultural, começaram a concentrar-se neste tópico. O historiador da arte Frederick Antal introduziu o conceito de cultura como um reflexo da sociedade, conduzindo à fase conhecida como "história social da arte", que examinou de perto a relação entre a cultura e as transformações econômicas e sociais. Na década de 1960 surgiram as primeiras discussões sobre a história da cultura popular, marcando o início da fase "História da cultura popular". Eric Hobsbawm, que escreveu sob o nome de Francis Newton e foi o autor de "História social do jazz", que via o jazz como uma forma de protesto social e político, e Edward Thompson, que escreveu "A formação da classe trabalhadora inglesa", que analisou o papel da cultura popular nas mudanças econômicas e políticas.

Segundo Burke (2005), compreender a progressão da história cultural e suas diversas metodologias é crucial. Esta compreensão pode expor as mudanças culturais numa determinada época e sublinhar a importância da cultura popular nas transformações sociais e econômicas. Do ponto de vista marxista, a história cultural não pode ser considerada um ramo da história, pois carece de uma base econômica e social. Os críticos da história cultural argumentam que ela homogeniza as culturas e ignora os seus conflitos. Os historiadores culturais, no entanto, propõem que a homogeneização da cultura pode ser evitada examinando as tradições, que são definidas como conhecimentos ligados a uma geração específica, e não a uma época, uma vez que a mesma época pode conter uma multiplicidade de tradições. É essencial que os historiadores sejam cautelosos ao analisar as tradições, para não confundirem uma inovação com uma tradição ou vice-versa. Os historiadores devem estar atentos à divisão entre cultura popular e erudita, ao mesmo tempo que reconhecem as suas ligações, embora esta distinção deva ser tratada com cuidado, uma vez que não há consenso sobre a definição do que constitui cultura popular e erudita. Os historiadores sociais sugerem que a melhor abordagem é mover-

se com fluidez entre os dois termos, em vez de aderir rigidamente a um ou outro (BURKE, 2005).

Definir a palavra “cultura” é uma tarefa árdua, mas o campo da antropologia ampliou seu significado. A partir disso, foram criadas a “antropologia histórica” e a “nova história cultural”, que permanecem fortes ramos do conhecimento dentro da disciplina histórica. Estes ramos tendem a explicar os fenômenos econômicos através das lentes da cultura. O simbolismo é um tema importante nas discussões entre os historiadores culturais, especialmente entre aqueles que estão ligados ao marxismo. Procuram estabelecer uma ligação entre cultura e sociedade sem reduzir uma ao mero reflexo da outra. Curiosamente, o estudo do simbolismo pelas civilizações antigas permitiu que os historiadores reconhecessem o simbolismo da vida cotidiana também em sua própria época (BURKE, 2005).

Em meio ao caos da época, um novo gênero histórico vem à tona: a micro-história. Este gênero centra-se nas experiências tangíveis e localizadas, sem a necessidade de as relacionar com um contexto mais amplo, global ou mesmo local. É uma resposta aos modelos de história social que seguiram rigidamente a estrutura da história econômica; contraria a metodologia alargada da intersecção da história e da antropologia, abrindo assim espaço ao individualismo na investigação histórica. Por fim, serve de contraponto à história triunfalista que desconsidera as contribuições de outras culturas no mesmo cenário histórico (BURKE, 2005).

1.2 O PRECONCEITO GEOGRÁFICO NA HISTÓRIA

O preconceito de origem geográfica está relacionado ao fato de que as pessoas são discriminadas por pertencerem a um determinado lugar ou região que é considerado inferior ou subdesenvolvido. Essa discriminação está ligada às relações de poder que criam desigualdades em vários campos, como o econômico, político, militar, cultural, social e religioso. Em outras palavras, a discriminação geográfica é um reflexo das desigualdades sociais e econômicas existentes no país, o que reforça o estigma e a exclusão social das pessoas que vivem em determinadas regiões (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

A demarcação de fronteiras pode contribuir para a construção do preconceito. Os conceitos de fronteira, cultura e território não são naturais, mas sim inventados e motivados por conflitos históricos, sociais e econômicos. Com a formação dos Estados Nacionais, houve uma homogeneização por meio de um governo único, que delimitou territórios e padronizou sociedades. No entanto, isso também intensificou rivalidades, disputas territoriais e discursos nacionalistas, que são precursores do preconceito geográfico. Esses discursos definem como

possível ameaça qualquer pessoa, grupo social e/ou símbolo que se situe fora dos limites produzidos. Em outras palavras, o preconceito geográfico é criado por meio da delimitação de fronteiras e da padronização de sociedades, o que pode levar a uma visão estereotipada e distorcida do outro. É importante combater esse preconceito por meio da conscientização e do respeito à diversidade cultural e regional do país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

O período pós-independência do Brasil não trouxe mudanças significativas no âmbito político, econômico e social do país. As elites agrárias continuaram a ter controle sobre a riqueza e o Estado, as atividades agrícolas e de exportação prevaleceram como principais práticas econômicas, e a escravidão persistiu até o final do século XIX. Além disso, a definição da identidade nacional brasileira foi deixada nas mãos dessas mesmas elites agrárias, que herdaram títulos de nobreza aristocráticos desde o início da colonização. Isso levou à criação de um imaginário de povo brasileiro que excluía ou distorcia fatos que ameaçavam a formação de uma história nacional homogênea. O preconceito, portanto, nasceu com a própria estruturação do Estado-Nação, uma vez que a concepção de uma aristocracia inerente à época contribuiu para essa exclusão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

O preconceito contra o povo nordestino tem raízes históricas que remontam à época das elites agrícolas ligadas à produção de açúcar e algodão, que se ressentiam da falta de assistência da União durante as crises econômicas que enfrentavam. A imagem do nordestino também foi construída em torno dos períodos recorrentes de seca e estiagem que assolam a região, o que levou a elite nordestina a solicitar recursos ao governo, mas utilizá-los em benefício próprio. Esse comportamento contribuiu para a construção histórica do nordestino como um povo miserável e corrupto, que vive à custa do governo e depende financeiramente de outras regiões do país. Esse imaginário sobre o Nordeste como uma região atrasada e inferior ainda é comum hoje em dia, reforçando o preconceito contra o povo nordestino. É importante reconhecer que o preconceito de origem geográfica está relacionado à criação de diferenças e desigualdades sociais, econômicas e culturais, que perpetuam a marginalização de determinados grupos e regiões (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012).

Rego (2018) analisa especificamente a relação entre a paulistanidade e a estigmatização dos nordestinos, mostrando como a ideia de superioridade dos paulistas foi historicamente apoiada por uma narrativa que aponta a racionalidade, a branquidade e os méritos como virtudes diferenciais dessa população. A ideia de progresso e civilização está relacionada a identidades regionais variadas, e que o regionalismo brasileiro pode ser entendido como um processo de racialização e demarcação econômica das populações brasileiras. Ela também destaca que a corrente crise política brasileira e os grupos separatistas

paulistas que surgiram na década de 2010 são exemplos de como o regionalismo paulista pode se apresentar enquanto perpetrador de uma hierarquia nacional marcada por assimetrias raciais, regionais e de classe. Para Rego (2018), a contraposição histórica entre paulistas e nordestinos pode se apresentar como uma narrativa eficaz do conservadorismo nacional, e que essa narrativa seria capaz de extrapolar o plano discursivo, possuindo materialidade política. É importante ressaltar que o regionalismo paulista é pensado de forma relacional a outros regionalismos brasileiros, e que a análise comprometida em averiguar as continuidades e descontinuidades deste regionalismo é fundamental para entender as assimetrias raciais, regionais e de classe presentes na sociedade brasileira.

Silva (2013) argumenta que, embora as raízes do preconceito regional sejam anteriores ao desenvolvimento das grandes corporações de mídia no Brasil, elas são suas grandes aliadas, na medida em que reforçam estereótipos. destaca como a mídia muitas vezes perpetua estereótipos negativos sobre os nordestinos, retratando-os como pessoas inferiores e associando-os à violência e à criminalidade. Essa representação estereotipada contribui para a discriminação e a marginalização dessas pessoas. O autor sugere que a mídia deve ser mais cuidadosa em sua cobertura jornalística e evitar reforçar estereótipos e preconceitos. Fairclough (2001) analisa que os discursos são práticas sociais. Para o autor, quando uma sentença é dita, essa sentença representa uma prática social. Quando pessoas proferem discursos que desqualificam uma pessoa nascida na região Nordeste e esses discursos são aceitos socialmente, eles indicam práticas sociais que aceitam e legitimam essa discriminação. a linguagem é um instrumento fundamental para a construção de significados e para a negociação de poder nas relações sociais. o discurso é sempre ideologicamente carregado, ou seja, está sempre relacionado a interesses e valores específicos. Assim, a análise do discurso é vista como uma forma de desvendar as relações de poder e as ideologias por trás das práticas discursivas. O conceito de discurso é fundamental para entendermos como as práticas sociais e as relações de poder são construídas e reproduzidas através da linguagem. A análise do discurso é vista como uma ferramenta importante para desvendar as ideologias e os interesses por trás das práticas discursivas.

Nesse sentido, é possível observar, nos discursos literários, mudanças que indicam que as representações a respeito da população nordestina foram se transformando ao longo do tempo, de modo que existem discursos emergentes que desconstróem os preconceitos a respeito dessas pessoas.

2 VISÕES COMUNS OU DISTINTAS SOBRE O SERTÃO NORDESTINO A PARTIR DE ANTIGAS OBRAS REGIONALISTAS

O sertão nordestino foi um cenário importante para muitos clássicos da literatura brasileira, com temas recorrentes como a seca, a fome e a miséria que assolavam a região. Marques, Simas e Martins (2016) explicam que a geração regionalista de 1930, também conhecida como segunda geração modernista, contribuiu de forma significativa para perpetuar a imagem de um sertão seco e improdutivo através de obras como "O Quinze" de Rachel de Queiroz e "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. O poema "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto, pertencente à terceira geração modernista ou pós-modernismo, também retrata a região recorrendo aos mesmos estereótipos da terra improdutiva e do nordestino flagelado. A literatura regionalista não deve ser vista apenas como um retrato estereotipado do sertão nordestino, mas sim como uma forma de explorar as complexidades e nuances da vida na região, incluindo aspectos culturais, históricos e sociais.

Na literatura e na pintura, a figura do "ser nordestino" é retratada de diversas maneiras. Em "Vidas Secas", por exemplo, o personagem Fabiano e sua cachorra Baleia são exemplos de personagens que habitam o imaginário do nordestino. Na pintura, as telas de Candido Portinari, como "Retirantes" e "Menino Morto", também contribuem para reforçar a imagem do indivíduo sobrevivente.

Em certos momentos históricos, as imagens do sertão são usadas para mostrar como é importante superar as ideias antigas que estão fixadas na cultura e na economia da região. Durante a Era Vargas, que aconteceu entre 1930 e 1945, o Nordeste do Brasil foi visto como uma região problemática, atrasada e que precisava ser modernizada. A literatura regionalista do Nordeste contribuiu para essa imagem, mesmo que não fosse essa a intenção dos autores. Isso tudo ajudou o estado a criar essa imagem de atraso e da necessidade de modernização para integrar o mercado nacional.

Os projetos do governo Vargas, que queria redescobrir e reconstruir o Brasil, influenciaram os escritores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Rachel de Queiroz, em sua obra "O Quinze", retrata as tragédias que assolam as pessoas durante a seca de 1915, no sertão nordestino. A obra é conhecida por abordar questões sociais de forma direta e objetiva. No entanto, a autora retrata a seca como uma força da natureza que causa dor e sofrimento aos moradores do sertão nordestino, os quais se veem forçados a migrar para outras cidades. A paisagem é descrita como estéril e cinza, bem como pelos traços da miséria e da fome. O sertão se torna o lugar onde nada nasce, floresce ou

surge. Não há como resistir a tamanho desfortúnio, de modo que os sertanejos se tornam somente vítimas de uma natureza cruel. Aqueles que sobrevivem só conseguem estar no mundo, mas não existem para além da sobrevivência. A morte se torna uma personagem. Sarmiento e Moura (2022) analisaram relação entre a literatura e o meio ambiente, por meio da obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*. Os autores partem do conceito de Topofobia e Topofilia, que são respectivamente o medo e o amor por determinado espaço geográfico, para analisar a relação dos personagens da obra com o meio ambiente em que vivem. Eles afirmam que a Topofobia é causada pela degradação ambiental e pelas desigualdades sociais e econômicas, enquanto a Topofilia é resultado da harmonia entre o homem e a natureza. A partir desse conceito, os autores analisam a obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*, e mostram como a Topofobia e a Topofilia estão presentes no enredo. Eles destacam a relação dos personagens com a seca, a fome, a miséria e a luta pela sobrevivência em um ambiente hostil.

Albuquerque (2012) analisa que os autores que representam o sertão nordestino no período modernista evocam sempre uma grande seca que foi derradeira para a população. Em muitos casos, esses discursos são inclusive apropriados pelas narrativas históricas, como se as histórias literárias fossem elas mesmas registros de uma história vivida, legitimando uma memória coletiva a respeito de temas relacionados ao Nordeste. No entanto, grande parte das secas retratadas como apocalípticas pelas narrativas não foram incomuns.

Essa ideia de região Nordeste como uma região infértil e problemática por natureza, contribuiu com um fluxo constante de migrantes que se dirigem para os centros político-econômicos do Brasil, nomeadamente o Rio de Janeiro e São Paulo. Essa ideia alimentou a ideia de que o Nordeste é a região do atraso. Isto permitiu que a região fosse facilmente explorada pelos detentores do poder nos centros dominantes. O governo do Estado de Vargas usou essa percepção para justificar suas propostas ao buscar reunir diferentes áreas regionais para alcançar a unidade nacional (especificamente, a unidade do mercado interno) e integrar a região no quadro político, social e econômico do Brasil. Isto levou à aceitação da ideia de uma “região problemática” que exigia intervenção estatal para resolver a desigualdade.

São Bernardo é um romance publicado em 1934 pelo autor alagoano Graciliano Ramos. A história é narrada em primeira pessoa pelo personagem principal, Paulo Honório, um fazendeiro rude e ambicioso que se torna dono da fazenda São Bernardo, no sertão nordestino. A obra retrata a transformação de Paulo Honório, que inicialmente é um homem pobre e sem instrução, em um latifundiário poderoso e rico. No entanto, essa riqueza e poder são alcançados através da exploração de seus empregados, além de uma série de traições e manipulações. A vida no sertão é retratada como marcada pela seca, a falta de recursos e a

exploração dos trabalhadores rurais. A fazenda São Bernardo é apresentada como um lugar árido e hostil, onde a vegetação é escassa e a terra é pobre. A relação entre os trabalhadores rurais e os latifundiários é marcada pela exploração e pela opressão. Paulo Honório, o personagem principal, é retratado como um homem ambicioso e sem escrúpulos, que busca enriquecer a qualquer custo, inclusive através da exploração dos empregados da fazenda. A luta pela vida torna os personagens insensíveis e cruéis. As pessoas são reificadas e se tornam egoístas, como se naquela natureza não houvesse possibilidade de beleza, amor ou qualquer sentimento nobre. Mais uma vez não há vida, apenas a necessidade de sobrevivência em um contexto essencialmente hostil. Há uma visão de sertanejos que reflete a mentalidade elitista e preconceituosa da época em que a obra foi escrita. Naquela época, havia uma crença generalizada de que as pessoas do interior do país eram menos civilizadas e menos desenvolvidas do que os habitantes das grandes cidades. Essa visão preconceituosa levou muitos autores a retratarem os sertanejos como pessoas rudes, ignorantes e violentas. (ANDRADE, 2019).

Albuquerque Júnior (2002) realizou uma análise crítica da construção do conceito de sertão no discurso regionalista nordestino. O autor argumenta que esse discurso, que se consolidou a partir dos anos 30 do século XX, é responsável por uma série de estereótipos e simplificações que prejudicam a compreensão da diversidade da região. Considera-se importante a noção de sertão para a construção da identidade nordestina, e como essa ideia é frequentemente associada a uma suposta "autenticidade" e "pureza". No entanto, essa visão romantizada do sertão é problemática, pois desconsidera a complexidade e a diversidade das realidades sociais, culturais e econômicas presentes na região. O discurso regionalista nordestino contribuiu para a construção de uma imagem estereotipada do nordestino, representado como um ser "exótico", "primitivo" e "subdesenvolvido". Essa imagem é resultado de uma simplificação da realidade social e cultural do Nordeste, e acaba reforçando estereótipos negativos e preconceitos.

Oliveira (2022) realizou uma análise comparativa das obras literárias que retratam a seca e o sertão nordestino, sob as perspectivas de Rachel de Queiroz e José do Patrocínio. A autora inicia a análise destacando que ambas as obras foram escritas na década de 1930, em meio a um contexto histórico de grandes transformações sociais e políticas no Brasil. A seca, que assolava o Nordeste, era um dos principais problemas enfrentados pela população da região, e foi retratada pelos autores de forma realista e crítica. Em "Os Retirantes", José do Patrocínio faz uma abordagem mais ampla da seca e do sertão, apresentando a história de uma família que decide migrar para o Sul em busca de trabalho e melhores condições de vida. A

região Nordeste aparece, nesse sentido, como a causa das mazelas que assolam a população do sertão, de modo que não há perspectiva possível que não seja a migração para uma região considerada mais desenvolvida e superior.

Oliveira (2022) identifica que, em os Retirantes, existe um reforço a uma ideia presente no imaginário social de que as mulheres sertanejas doam seus filhos como única opção para sobreviver a fome e a miséria, como se esse fosse um hábito existentes nessa região.

Santos (2017) analisa a forma como o sertanejo foi representado na literatura brasileira durante o Segundo Reinado. O autor destaca a importância da obra "Inocência" de Visconde de Taunay e "Os Sertões" de Euclides da Cunha para a construção dessa imagem. Santos (2017) também discute a influência do movimento abolicionista na construção da imagem do sertanejo. Ao contrário do que muitos pensam, o movimento abolicionista não foi responsável por gerar uma imagem positiva do sertanejo, mas sim por apresentá-lo como uma vítima da escravidão e da opressão do sistema agrário brasileiro. O sertão é apresentado como uma região árida e inóspita, onde o sertanejo vive em condições precárias. Essa imagem contribui para a ideia de que o sertanejo é um ser primitivo e atrasado, sem possibilidade de progresso.

Albuquerque Junior (2017) argumenta que a seca, ao contrário do que muitos pensam, não é um fenômeno natural, mas sim social e político. A seca é resultado da falta de políticas públicas adequadas para a região nordeste, que historicamente foi abandonada pelo Estado brasileiro. Autores como José de Alencar, Euclides da Cunha e Graciliano Ramos contribuíram com a construção da imagem dos retirantes. Esses autores retrataram a seca e os retirantes de maneiras diferentes, mas todos eles contribuíram para construir uma imagem do nordestino como um ser sofrido, resignado e fatalista. Essa imagem do nordestino como um ser passivo e conformado foi construída em um contexto histórico em que a elite brasileira buscava justificar a sua posição de privilégio. A imagem do retirante como um ser resignado e conformado serviu para justificar a exploração dos trabalhadores rurais e para deslegitimar qualquer tentativa de resistência. A literatura também contribuiu para a construção de uma imagem do Nordeste como uma região atrasada e subdesenvolvida. Essa imagem, que foi construída em um contexto histórico em que o Brasil passava por um processo de modernização, serviu para justificar a exclusão da região do processo de desenvolvimento do país.

Almeida e Afonso (2015) analisam que, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, o Nordeste era visto como uma região atrasada e problemática, marcada pela seca, pela pobreza e pela violência. Essa visão era reforçada pela literatura, pela

imprensa e pela cultura visual, que apresentavam o Nordeste como um lugar de sofrimento e de miséria. No entanto, os autores também apontam para a existência de uma visão alternativa do Nordeste, que valorizava a sua cultura popular e a sua riqueza folclórica. Essa visão foi desenvolvida por escritores e artistas que se interessavam pela cultura popular nordestina, como Mário de Andrade e Câmara Cascudo. A imagem do Nordeste foi influenciada pelo contexto político e social da época. A seca e a pobreza da região eram utilizadas pelos governos e pelas elites locais como forma de justificar a sua omissão e negligência em relação ao Nordeste. Essa visão foi questionada por intelectuais e artistas que denunciavam a exploração e a opressão das classes dominantes.

Neves (2012) destaca a importância histórica e cultural do Nordeste, que desempenhou um papel fundamental na formação do Brasil como nação. No entanto, ele argumenta que a historiografia brasileira tem negligenciado essa importância, ao tratar o Nordeste como uma região periférica e marginalizada. Essa visão foi reforçada pela própria forma como a história do Nordeste foi escrita, com um enfoque excessivo na seca, na pobreza e na violência, em detrimento de outros aspectos da vida social, política e cultural da região. Essa abordagem contribuiu para a estigmatização do Nordeste como uma região problemática e atrasada. No entanto, existe uma historiografia alternativa, que valoriza a riqueza cultural e histórica do Nordeste e busca resgatar a sua importância para a história do Brasil. Ele cita exemplos de historiadores que têm se dedicado a estudar temas como a cultura popular, a religiosidade e a resistência política no Nordeste, contribuindo para uma visão mais completa e plural da região.

3 – A LITERATURA E A NOVA FACE DO SERTÃO NORDESTINO NO TEMPO PRESENTE

A imagem construída pela literatura a respeito da região Nordeste foi, até metade do século XX, porém, nem sempre essa imagem é caracterizada por tons tão tristes. O escritor baiano Jorge Amado, por exemplo, constrói uma visão mais pitoresca e sensual da Bahia, enfatizando aspectos exóticos e tropicais como o calor, a brisa, as palmeiras e os barquinhos. No entanto, é importante destacar que essas imagens estereotipadas não representam toda a diversidade e complexidade da região nordeste e de seus habitantes.

A obra "Galileia", de Ronaldo Correia de Brito, é um romance que conta a história de três primos que viajam para o sertão do Ceará para visitar o avô doente, Raimundo Caetano, patriarca de uma família numerosa e decadente. Embora os primos tenham feito o possível para cortar seus laços com a região, indo morar em diferentes lugares do Brasil e do exterior, eles terão de se reencontrar com a família e seus fantasmas e reviver histórias de adultério, vingança e morte, medos e traumas. Durante a viagem, os personagens vão descobrir segredos e traições numa fazenda que um dia foi próspera. Mesmo que tenham tentado esquecer a infância e se afastar dos problemas que atingiam a família, eles voltarão a senti-la de perto e irão perceber que esse retorno fazia parte de seus destinos. A obra é um retrato da vida no sertão do Ceará, com suas tradições e costumes, mas também com suas dificuldades e problemas. A obra também aborda temas como a família, a memória e a identidade, mostrando como nossas raízes e nossa história podem nos perseguir ao longo da vida. A narrativa é densa e intensa, com personagens complexos e bem construídos, e uma atmosfera que envolve o leitor e o transporta para o sertão.

Nascimento (2023) realizou uma análise crítica da obra literária "Galileia", refletindo sobre os estereótipos regionais presentes na representação do migrante nordestino na literatura brasileira. Uma das principais questões abordadas no texto é a forma como o migrante nordestino é representado. A figura do migrante é retratada de forma estereotipada, como um sujeito pobre, sofrido e desesperado, que busca uma vida melhor no Sudeste do país. Essa representação, segundo o autor, reforça estereótipos negativos sobre a região Nordeste e seus habitantes, perpetuando uma visão preconceituosa sobre a região. A obra se insere em um contexto mais amplo de representação do Nordeste na literatura brasileira. A literatura brasileira tem uma longa tradição de representar o Nordeste como uma região marcada pela pobreza, pela seca e pelo atraso cultural, o que reforça uma visão estereotipada e preconceituosa sobre a região. No entanto, embora galileia não rompa com o paradigma da

representação do sertão, ela também apresenta elementos que vão além dos estereótipos e buscam uma representação mais complexa e matizada do Nordeste e de seus habitantes. Através da narrativa ficcional, o autor apresenta personagens complexos e multidimensionais, que vão além dos estereótipos simplificados.

Ferreira (2012) questiona se a obra de Ronaldo Correia de Brito é anacrônica em sua abordagem do regionalismo ou se ela apresenta uma ressignificação desse tema na literatura contemporânea. Discute-se o conceito de regionalismo na literatura brasileira e sua evolução ao longo do tempo. Ela destaca a importância do regionalismo na construção da identidade brasileira e sua relação com a literatura modernista do século XX. No entanto, a autora argumenta que o regionalismo também pode ser considerado uma forma de estereotipar e reduzir a complexidade de uma região, o que pode gerar preconceitos e distorções. Ferreira (2012) argumenta que a obra de Ronaldo Correia de Brito apresenta uma ressignificação do regionalismo ao apresentar uma visão mais complexa e matizada da região.

O sertão é o Brasil profundo, misterioso, como o oceano que os argonautas temiam navegar. Chega-se a ele acompanhando o curso dos rios, perdendo a memória do litoral. [...] À medida que me afasto desse sertão dos Inhamuns sem nunca me virar, igualzinho fez Ló quando fugia de Sodoma, ele me transmite um apelo. Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos chamados. Se ouvires as vozes sertanejas, já não escutarás outras vozes (BRITO, 2008, 225).

Através da construção de personagens multidimensionais e da abordagem de temas universais, a obra desafia os estereótipos e preconceitos sobre o Nordeste e seus habitantes. No entanto, a autora também questiona se a obra de Ronaldo Correia de Brito é anacrônica em sua abordagem do regionalismo. Ela argumenta que a obra pode ser vista como uma continuidade da tradição regionalista da literatura brasileira, que muitas vezes reduz a região a uma série de clichês e estereótipos. Sugere-se que Galileia pode ser vista como um exemplo de como o regionalismo pode ser ressignificado na literatura contemporânea, mas que ainda há muito a ser feito para superar os estereótipos e preconceitos associados ao tema.

Martins (2018) analisa a temática do sertão sob uma perspectiva contemporânea e crítica, trazendo reflexões importantes sobre a identidade e a cultura sertaneja. Nesse sentido, a autora parte de sua experiência pessoal como filha de sertanejos migrantes para discutir as transformações pelas quais a região tem passado nas últimas décadas. Uma das principais questões abordadas pela autora é a relação entre a tradição e a modernidade no sertão. A autora destaca como os avanços tecnológicos e a globalização têm impactado a vida dos

sertanejos, transformando a paisagem e as relações sociais na região. Ela discute a maneira como essas mudanças têm afetado as tradições e os valores culturais sertanejos, muitas vezes colocando em risco a preservação da identidade local. Martins (2018) chama a atenção para o papel da literatura na construção de uma imagem mais complexa e realista do sertão, capaz de dar voz às múltiplas experiências e perspectivas dos sertanejos.

Destaca-se que, apesar dos poucos avanços nos modos como a literatura caracteriza os nordestinos e o sertão, existem movimentos iniciados já na segunda metade do século XX, que buscam apresentar personagens nordestinos para além de seus dramas regionais. São autores que caracterizam as mulheres, as famílias e as relações sociais a partir de referências de memórias, afetos e culturais.

Brito (2016) explica a configuração do neorregionalismo literário brasileiro, um movimento literário que surgiu no Brasil na década de 1950 e que se caracteriza pela valorização das particularidades regionais em detrimento de uma literatura nacional homogeneizante. Trata-se de uma reação ao nacionalismo exacerbado da década de 1930, que defendia uma literatura que representasse a nação de forma homogênea. O neorregionalismo, por sua vez, valoriza as particularidades regionais brasileiras, buscando uma literatura que reflita a diversidade cultural do país. O neorregionalismo literário brasileiro não é apenas uma tendência literária, mas também um movimento político e social que busca a valorização das particularidades regionais e a luta contra a homogeneização cultural. Raimundo Carrero é reconhecido por Brito (2016) como um expoente do neorregionalismo.

Nazaré (2018) defende que, nas obras de Ronaldo Correia de Brito, o regionalismo é utilizado como uma forma de explorar as contradições e complexidades da realidade brasileira, e não como uma forma de romantizar ou idealizar o sertão nordestino. A autora aborda questões como a violência, a corrupção, a desigualdade social e a exclusão, que são elementos presentes na realidade contemporânea do país. Para Nazaré (2018) a obra de Ronaldo Correia de Brito tem a linguagem e da oralidade na construção das representações do regionalismo. O uso de expressões regionais e sotaques específicos contribuem para a criação de uma identidade nordestina própria, que não se limita a estereótipos. A representação das mulheres nas obras de Ronaldo Correia de Brito foge do padrão de submissão e passividade presente em muitas obras regionalistas. As personagens femininas são retratadas de forma complexa e multifacetada, com suas próprias histórias e desejos.

Dora sem véu é um romance publicado em 2018, que conta a história de Francisca, uma socióloga de meia idade que parte em uma viagem para encontrar sua avó, Dora, que foi vista pela última vez em Juazeiro do Norte. O romance se passa no sertão nordestino e

apresenta diversas passagens em flashback, intercaladas por capítulos que narram a viagem de Dora e Francisca em busca de respostas. Na obra de Ronaldo Correia de Brito, a estrada é o elemento cronotópico por excelência. É na estrada que os personagens têm encontros significativos e iniciam o processo de revisitação do passado e a reflexão sobre suas próprias vivências. A estrada é também o meio de transporte que possibilita a transposição de espaços sem que o sujeito abandone uma posição de conforto. Além da estrada, o carro assume um papel cronotópico importante. O carro condensa o tempo do deslocamento e controla sua passagem, tornando-a perceptível mesmo no isolamento que promove. Ao falar do transporte em um carro chamado de “pau de arara”, Francisca revive seu passado e também caracteriza a fé do povo sertanejo.

A ajudante baixa uma lona acima da cabine e outras laterais à carroceria do caminhão. Pula sobre as tábuas improvisadas em assentos, procura espaço onde firmar os pés. Corpos comprimidos, as cabeças baixas, o rebanho não se queixa do desconforto nem da falta de segurança. Habitua-se a não reclamar de nada. Sou a única erguida, procurando enxergar lá fora, entre as emendas das lonas. Um relâmpago clareia e logo escutamos a trovoadas. Cai chuva e as vozes tentam se elevar acima do barulho, cantando os mesmos lamentos sobre a morte e a salvação. (BRITO, 2018, p. 9).

Ainda há, em “Dora sem véu”, elementos que caracterizam o povo sertanejo como passivo, pobre e resiliente diante de um destino de fracasso. No entanto, a própria protagonista representa uma outra representação do nordestino. Ela é uma cientista que apresenta subjetividades associadas à sua origem, mas também muito articuladas com sua própria vivência profissional. Trata-se de colocar o protagonista sertanejo em uma dinâmica de diálogo e interação com outros contextos. Ela, como diversos outros sertanejos, transita entre diferentes experiências, que ora a colocam em sua terra de origem e ora permitem que ela dialogue com o mundo em sua condição de cientista. No entanto, há nela subjetividades que a conectam com sua vida no sertão e outras, associadas a um pragmatismo científico.

Martins (2019) defende que Ronaldo Correia de Brito utiliza a linguagem para criar uma força imagética capaz de transmitir as sensações e sentimentos vividos pelos personagens em um cenário tão complexo e desafiador como o sertão. O sertão de Correia de Brito é um espaço de conflitos, mas também de possibilidades, onde se cruzam culturas, memórias e histórias. A linguagem de Correia de Brito é “poética” e “imaginativa”, capaz de gerar imagens intensas e vívidas, que transportam o leitor para o cenário descrito. Há presença constante de metáforas, que ampliam a potência da linguagem e criam um efeito de estranhamento, que faz com que o leitor se sinta parte da narrativa. Há sempre uma relação

entre o sertão e o exílio, tema recorrente na obra de Correia de Brito. O autor utiliza o sertão como um espaço de deslocamento e de busca por uma identidade que muitas vezes é negada ou apagada pela sociedade. Para Martins (2019) o exílio é uma metáfora da condição humana, marcada pela busca por um lugar de pertencimento e de reconhecimento.

Para Ferreira Neto (2023), o sertão nordestino passou por uma série de transformações socioeconômicas e culturais nas últimas décadas, o que gerou mudanças significativas nas dinâmicas sociais e culturais da região. Essas mudanças são retratadas de diversas formas na obra de Ronaldo Correia de Brito, que busca explorar as contradições e tensões da vida no sertão nordestino. A obra de Ronaldo Correia de Brito é marcada pela presença constante de elementos intertextuais, que remetem a outras obras literárias e culturais. Essa intertextualidade é vista como uma forma de enriquecer a obra, ao mesmo tempo em que permite ao autor explorar diferentes perspectivas e concepções sobre o sertão nordestino. A memória é um elemento fundamental para a construção da identidade dos personagens e da própria região do sertão nordestino. A partir da memória, os personagens constroem suas narrativas e reconstroem suas histórias, resgatando elementos do passado e dando significado ao presente. A partir de diferentes perspectivas e vozes, a obra mostra as contradições e tensões da vida no sertão, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza e a diversidade cultural da região.

Rocha (2022) discute a forma como a obra de Ronaldo Correia de Brito apresenta uma multiplicidade de identidades, que se entrelaçam e se complementam na narrativa ficcional. Segundo a autora, a obra apresenta uma rica variedade de personagens, cada um com sua própria história, sua própria identidade e sua própria forma de se relacionar com o mundo. Ao analisar a representação homossexual em "Galileia", Rocha (2022) destaca a forma como o autor apresenta personagens homossexuais complexos e multifacetados, que vão além dos estereótipos simplificados. Ao mesmo tempo, a autora também discute a forma como a obra apresenta uma representação sertaneja, que se entrelaça com a temática homossexual, criando uma multiplicidade de identidades que se complementam na narrativa. A presença de personagens masculinos complexos e multifacetados na obra, que apresentam uma visão mais matizada e complexa do que significa ser homem na sociedade contemporânea.

Pieiro (2009) identifica a presença de elementos que caracterizam o sertão, mas que também se relacionam com questões existenciais e filosóficas na obra de Ronaldo Correia de Brito. Um dos pontos destacados pelo autor é a presença de personagens marcados pela solidão e pela busca de um sentido para suas vidas. Esses personagens, muitas vezes, estão

em conflito consigo mesmos e com o mundo ao seu redor, buscando compreender o sentido de sua existência e de suas ações. Outro elemento importante é a relação entre o homem e a natureza. No sertão descrito por Ronaldo Correia de Brito, a natureza é apresentada como uma força imponente e muitas vezes hostil, que pode ser tanto fonte de vida quanto destruição. Essa relação entre o homem e a natureza também pode ser vista como uma metáfora para a relação do homem com o mundo e com o universo. Destaca-se a presença de elementos simbólicos e místicos no texto de Ronaldo Correia de Brito. Esses elementos, muitas vezes relacionados à cultura popular e aos mitos do sertão, contribuem para a construção de uma atmosfera que mistura o real e o imaginário, o concreto e o abstrato. Assim, é possível considerar que a obra de Correia Brito aborda o sertanejo em sua condição humana, com subjetividades e representações que transcendem a localização geográfica, estabelecendo assim uma interlocução com as subjetividades do leitor.

A análise da obra de Ronaldo Correia de Brito evidencia a riqueza e complexidade da representação do sertão nordestino em sua produção literária. Através da linguagem poética e imaginativa, o autor cria uma força imagética capaz de transmitir as sensações e sentimentos vividos pelos personagens em um cenário tão desafiador e complexo. Ao explorar as contradições e tensões da vida no sertão, a obra de Correia de Brito apresenta uma multiplicidade de identidades e perspectivas que se entrelaçam e se complementam na narrativa ficcional. A presença constante de elementos intertextuais, a relação entre o homem e a natureza, o tema do exílio e a importância da memória são alguns dos elementos que enriquecem a obra e permitem ao autor explorar diferentes perspectivas e concepções sobre o sertão nordestino.

Considerações finais:

Vimos que o termo nordeste surge depois da década de 1930, nesse momento o Brasil deixou de ser dividido entre região Sul e o Norte. O Nordeste precisou se fortalecer, pois por muitos anos vivenciou o drama da fome, seca e a miséria assombrando o sertão. Logo, a história e as páginas da literatura já denunciavam todas essas dificuldades, no entanto esse nordeste pintado pelas páginas da história e literatura da década de trinta, acabou ganhando um protagonismo aparentemente irrefutável acerca de sua miserabilidade social, como se essa região estivesse parada no tempo e fadada somente a fome e a pobreza.

Esse trabalho teve como principal objetivo apresentar a nova face do Nordeste do país, em que ainda é timidamente falada, um nordeste desenvolvido, atualizado e completamente diferente ao da década de 30. Poder apresentar obras literárias como as de Ronaldo Correia de Brito e permitir que essas obras dialogassem com grandes produções da literatura brasileira acerca do sertão, possibilitou a oportunidade de observar mudanças significativas no viés do pensamento sobre esse preconceito histórico que ainda existe no imaginário das demais regiões do país. A História e a Literatura puderam caminhar juntas nessa produção e indicar o caminho das raízes desse preconceito e o caminho da mudança em todas as esferas sociais em que a região nordestina já tem vivenciado, não obstante assim como todas as regiões do país ainda há muito a ser melhorado, porém esse não é uma deficiência exclusivamente da região nordestina.

A literatura é uma ferramenta importante para a compreensão histórica e social do Nordeste brasileiro. Através das obras literárias analisadas, foi possível perceber que o sertão nordestino, apesar de suas adversidades, é um espaço de resistência e de luta

A literatura do século XXI apresenta uma nova releitura do sertão nordestino, em que os autores buscam romper com as narrativas estereotipadas e exóticas que marcaram a literatura regionalista do passado. As obras analisadas apresentam uma visão plural e diversa do Nordeste, que leva em conta as múltiplas identidades e realidades que coexistem na região.

A literatura é uma ferramenta importante para a compreensão histórica e social do Nordeste brasileiro. A literatura do século XXI apresenta uma nova releitura do sertão nordestino, em que os autores buscam romper com as narrativas estereotipadas e exóticas que marcaram a literatura regionalista do passado. A obra de Ronaldo Correia de Brito apresenta uma visão plural e diversa do Nordeste, que leva em conta as múltiplas identidades e realidades que coexistem na região. Trata-se de um movimento importante para fomentar mudanças discursivas na própria sociedade.

Como pesquisadora nordestina, assumo também esse compromisso de desconstrução discursiva a partir da minha experiência. Em outro momento, pretendo me aprofundar ainda mais acerca do tema e elaborar uma nova pesquisa abordando além da história e literatura, o papel da mídia em difundir um nordeste que ainda está arraigado no imaginário da grande parte das pessoas de outras regiões do país, para comprovar isso trarei também reportagens de nordestinos que vivenciaram situações de preconceito e xenofobia fora de sua região local.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Sertões, Identidades E Representações**. Disponível em <https://portal-assets.icnetworks.org/uploads/attachment/file/100102/01-Durval.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

ALBUQUERQUE, D. M. DE. As imagens retirantes. A constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História**, v. 33, n. 61, p. 225–251, jan. 2017.

ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. **Falas de Astúcia e de angústia: A seca no imaginário Nordeste** (1877 – 1922). Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 1988.

ALLBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços, e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, I.; AFONSO, J. A. Imagens e representações: o nordeste brasileiro representado entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. **Revista de História da UEG**, v. 4, n. 1, p. 17-41, 28 jul. 2015.

ALMEIDA, I.; AFONSO, J. A. Imagens e representações: o nordeste brasileiro representado entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. **Revista de História da UEG**, v. 4, n. 1, p. 17-41, 28 jul. 2015.

ANDRADE, A. C. A representação do sertão no imaginário nacional. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 29, n. 58, p. 77-93, 12 jul. 2019.

BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **A configuração do neorregionalismo literário brasileiro**. 2016. 179f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Euclides da Cunha; texto condensado por Celso Leopoldo Pagnan. – 1ª. ed. – São Paulo: Rideel, 2000.

DANTAS, Paulo. **“Os Sertões como tema literário”**. São Paulo: Revista Brasiliense n. 5, maio / jun. 1956, p. 4.

FERREIRA NETO, Haymone Leal. **“O sertão mudou ligeiro demais”**: identidade, memória e intertextualidade em Dora sem véu, de Ronaldo Correia de Brito. Dissertação. Centro de Comunicação e Letras (CCL). Universidade Mackenzie, 2023.

FERREIRA, Carla Érica Oliveira. **Anacronismo ou ressignificação?** Galileia e o regionalismo. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 21. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

GINZBURG, Carlo. **History, rhetoric, and proof**. The Menahem Stern Jerusalem. Lectures. Haover; Londres: University Press of New England, 1999.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEFEFBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Humanitas, 2004.

LESQUIVES, Juliana Oliveira. **Sertões, diásporas e parabólicas**: estudo de representações do Nordeste contemporâneo no romance Galiléia, de Ronaldo Correia de Brito. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Salvador-Ba, 2012.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1945.

MARTINS, A. de O. “Nas estradas do exílio”: o sertão de Ronaldo Correia de Brito. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 54, n. 4, p. 543–545, 2019. DOI: 10.15448/1984-7726.2019.4.33130. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/33130>. Acesso em: 11 out. 2023.

MARTINS, A. de O. De couro e de plástico: relatos de um outro sertão. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, [S. l.], n. 29, p. 183–195, 2019. DOI: 10.24261/2183-816x1129. Disponível em: <https://www.revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/536>. Acesso em: 9 out. 2023.

NASCIMENTO, Daniel Araújo. **O migrante nordestino em Galileia de Ronaldo Correia de Brito**: uma reflexão sobre estereótipos regionais. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras - Licenciatura em Português) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

NAZARÉ, Manuella Mirna Enéas de. **O regional na literatura contemporânea**: enfoque sobre Galileia e Livro dos Homens, de Ronaldo Correia de Brito. 2017. 187f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

NEVES, Frederico de Castro. 10 Nordeste e a Historiografia Brasileira. **Embormal**. Vol. 3, n. 5, p. 20-32, 2012.

OLIVEIRA, Jéssica Maria dos Santos de. **A seca e o sertão sob dois olhares**: uma análise das obras *O Quinze* de Rachel de Queiroz, e *Os Retirantes*, de José do Patrocínio. 2022. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Unidade Delmiro Gouveia - Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2022

PINHEIRO, Robinson Santos. **Presentes e ausentes**: Os Sertões euclidiano no imaginário e na política de desenvolvimento do Brasil semiárido (2003 – 2014). Tese (doutorado). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, GO; 2015.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze** (Três Romances). Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 52. ed. São Paulo: Record, 1984.

ROCHA, Daniela Sousa da. Multiplicidade identitária em ‘Galileia’, de Ronaldo Correia de Brito: representação homossexual x representação sertaneja. **Acta Scientiarum**, 2022, vol. 43, núm. 2, Mayo-Diciembre.

SANTA ROSA MATOS, Marcos Paulo famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e deslocamentos familiares no nordeste do Brasil. **Nómadas**. 2012 Universidad Complutense de Madrid, España, p. 1-33, 2012.

SANTOS, R. A. A imagem do sertanejo no Segundo Reinado: O Sertão em Taunay e José do Patrocínio. **Arquivos do CMD**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 131–147, 2017. DOI: 10.26512/cmd.v5i1.8971. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/8971>.

SARMENTO, E. C. D.; MOURA, G. J. B. de. Topofobia e Topofilia em *O Quinze*: uma análise ecocrítica da obra de Rachel de Queiroz. **GEOGRAFIA (Londrina)**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 75–94, 2022. DOI: 10.5433/2447-1747.2022v31n1p75. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/44792>. Acesso em: 11 out. 2023.

SCHWARZ, Roberto. **Os Pobres na Literatura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

SILVA, Hécio Carlos de Oliveira. **Violência e preconceito contra os nordestinos brasileiros**: uma análise crítica do discurso em notícias jornalísticas. 2013. 117 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Humberto Paulo da Cunha da. **Três vidas que se desvelam no Sertão**: uma análise de Fabiano, Francisca e Riobaldo com o meio no qual se inserem. 2020. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O Regionalismo Nordestino**. São Paulo: Moderna, 1984.

SOLA, José Antônio. **Canudos**: uma utopia no sertão. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

SUASSUNA, Ariano. **A Pena e a lei**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica**: sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: UFG, 1997.